

**A LEVEZA DO VOO E O PESO DO (NÃO) PODER:
UMA ANÁLISE DAS EXPECTATIVAS DE GÊNERO
NA OBRA AS ANDORINHAS, DE PAULINA CHIZIANE**

Ângela da Silva Gomes Poz (IFF)
angelsgpz@yahoo.com.br

RESUMO

Paulina Chiziane é reconhecida como a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, no ano de 1990. Desde então, tem seus livros publicados e participa de conferências de arte e literatura em diferentes partes do mundo. Sua obra é usada na Educação de vários países, inclusive no Brasil, onde vem sendo estudada em teses de licenciatura, mestrado e doutoramento. Foi candidata ao Prêmio Nobel da Paz no ano de 2005 e nomeada uma das mil mulheres pacíficas do mundo, ambas iniciativas promovidas pelo Movimento Internacional da Paz, *One Thousand Peace Women*, em reconhecimento ao seu trabalho de escrita militante pela justiça e igualdade, com uma literatura que parte das raízes locais para a universalidade, especialmente no que tange aos temas femininos. Este trabalho visa a analisar as expectativas de gênero presentes nos três contos que compõem a obra *As Andorinhas*, de Paulina Chiziane – “Quem manda aqui?”, “Maundlane, o Criador” e “Mutola”, a partir da perspectiva de poder e não poder, relativa à questão de gênero. A representação e a reação do ser feminino diante das expectativas sociais serão salientadas neste estudo das narrativas que, enfocando a cultura Chope e tradições africanas, se estendem e abrangem dramas humanos, com a leveza que Ítalo Calvino propôs à literatura deste milênio e o peso do discurso de afirmação da mulher no contexto social.

Palavras-chave: Expectativa. Gênero. Leveza. Peso. Poder.

1. Introdução

O presente trabalho se originou com nossa pesquisa permanente sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, em cuja leitura nos empenhamos desde os tempos do mestrado em literatura brasileira e teorias da literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), especialmente desde o período em que atuamos com a regência das disciplinas de literaturas africanas I e II no curso de letras, no Centro Universitário São José de Itaperuna, no ano de 2015.

Dentre os muitos autores que lemos, frequentemente remetemo-nos a temas sociais e discursos de afirmação em Paulina Chiziane. Moçambicana, nascida em 1955, é uma das autoras africanas que mais se destacaram nas últimas décadas. Primeira mulher a publicar um romance em seu país – *Balada de Amor ao Vento*, em 1990, vem chamando a atenção para sua escrita em vários países desde então, inclusive com es-

pecial atenção de pesquisadores de graduação e pós-graduação, que reconhecem nela uma forte militância em favor da justiça e da igualdade, notoriamente no que tange aos direitos das mulheres.

Pelo destaque que sua obra incita nesse sentido, ela foi nomeada uma das mil mulheres pacíficas do mundo e candidata ao Prêmio Nobel da Paz, em 2005. Essa mulher que faz coro com as mais relevantes vozes femininas da atualidade publicou mais de uma dezena de livros e o que tomamos como gerador deste estudo intitula-se *As Andorinhas*, foi publicado em 2008 em Moçambique e no Brasil em 2013, e compõe-se de três contos – “Quem manda aqui?” (p. 9-44), “Maundlane – o Criador” (p. 45-88) e “Mutola” (p. 89-95). Em seu conteúdo, analisaremos as expectativas de gênero, sob a perspectiva da leveza do voo (da andorinha, da mulher), que se alça à libertação dos estigmas sociais, e do peso do poder que se instala a partir da imposição do oposto: o homem que pode, por ser homem, e a mulher que não pode, por ser mulher.

Ressaltaremos como a autora revela essas expectativas, ao mesmo tempo que as refuta por meio da linguagem literária, tomando como aporte teórico Ítalo Calvino (1990), Salette Rosa Pezzi dos Santos (2012), Chimamanda Ngozi Adichie (2016) e Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura (2016).

2. A leveza no fazer literário

Em “Seis propostas para o próximo milênio”, Ítalo Calvino (1990) tratou de cinco valores literários que mereciam ser preservados no curso deste milênio. Ele dedicou sua primeira conferência à oposição leveza-peso, projetando o ideal de leveza, como imprescindível ao fazer literário, e por extensão à vida, diante do pesadume, da inércia e da opacidade do mundo. Ele argumenta em favor da leveza, salientando que “o peso da vida” está em toda forma de opressão” (CALVINO, 1990, p. 19) e que a literatura, como função existencial, através da criação dos mitos, deve buscar “a leveza como reação ao peso do viver”. (*Idem, ibidem*)

Notamos esse ideal presente na obra de Paulina Chiziane na metáfora do voo da andorinha – especialmente da andorinha que desafia o Imperador e da andorinha fêmea, a sacerdotisa, no primeiro conto; das figuras maternas do grande líder da Frente de Libertação de Moçambique, no segundo; e da andorinha que, em seu voo, se torna águia na vida real – Maria Mutola, no terceiro. Outrossim, predomina esse ideal na lin-

guagem e na temática de Paulina Chiziane, que privilegiam as oraturas africanas, a fábula e as histórias de superação das personagens femininas que conseguem alçar voo, como heroínas, construindo um outro mundo num espaço marcado pelo machismo. A esse respeito, Ítalo Calvino (2002) profere:

Em séculos e civilizações mais próximos de nós, nas cidades em que a mulher suportava o fardo mais pesado de uma vida de limitações, as bruxas voavam à noite montadas em cabos de vassouras ou em veículos ainda mais leves, espigas ou palhas de milho. Antes de serem codificadas pelos inquisidores, essas visões fizeram parte do imaginário popular, ou até mesmo, diga-se, da vida real. Vejo uma constante antropológica nesse nexo entre a levitação desejada e a privação sofrida. Tal é o dispositivo antropológico que a literatura perpetua. (...)

Em primeiro lugar, a literatura oral: nas fábulas, o voo a outro mundo (...)
o herói voa através do espaço. (p. 40)

O discurso de afirmação feminino é constante nas obras de Paulina Chiziane, e, nesta, em particular, percebe-se a associação da leveza do voo à busca pelo poder ser. Assim como a autora afirma, em entrevista ao Programa “Páginas Tantas”, que é feminina e conta histórias de mulheres porque é mulher e é a única coisa que sabe fazer, suas personagens também revelam essa essência e esse saber, diante das expectativas que a sociedade lhes impõe.

3. O peso das expectativas de gênero

Para analisarmos as expectativas de gênero na obra *As Andorinhas*, observamos, primeiramente, o seguinte conceito de gênero:

Gênero, como compreendemos, é um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder. (LINS; MACHADO & ESCOURA, 2016, p. 10)

Paulina Chiziane conhece muito bem o conceito de sociedade machista, porque foi educada em uma e por mulheres. A estrutura de poder no Sul de Moçambique, apesar da volumosa quantidade de homens que cruzam a fronteira para trabalhar nas usinas de carvão da África do Sul, deixando a educação das crianças quase que exclusivamente por conta das mulheres, mantém-se machista.

Essa realidade opressora não se constrói apenas nesse ponto da África subsaariana, ela atinge qualquer parte do mundo, daí a abrangência dessa literatura que rompe fronteiras, partindo do local para o universal, abordando a questão de gênero, “que é importante em qualquer canto do mundo” (ADICHIE, 2016, p. 28). O discurso de afirmação feminino se revela nessa obra que aborda, em seu enredo e personagens, questões de gênero e “a questão de gênero tem como alvo as mulheres”. (*Idem*, p. 43)

As personagens, femininas e masculinas da obra aqui enfocada sentem o peso das expectativas de gênero e ainda o peso do poder – que se traduz nos termos masculinos e do peso de não poder – que se revela no gênero feminino.

É importante frisar por que essas expectativas socialmente impostas causam problemas à construção da identidade das personagens, consequentemente ao seu discurso e à estrutura social em que estão inseridas. Acerca disso, Chimamanda Ngozi Adichie (2016) ainda ressalta:

O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero. (p. 36-37)

Nos três contos de Paulina Chiziane, a leveza se contrapõe ao peso das expectativas de gênero, mostrando que o poder – ao contrário do que se espera – é mais consistente quando leve, e mais frágil quando pesado. A autora expõe as expectativas, mais adiante as quebras, por meio das ações das personagens, que, oprimidas, “voam” a outro mundo e mesmo neste real.

4. O voo das andorinhas na transposição de obstáculos

É possível perceber o peso do poder relacionado ao macho em diversas passagens do primeiro conto – “Quem manda aqui?”. Logo no primeiro parágrafo, temos: “O calor vinha do sol e das banhas daquele corpo de elefante. (...) A natureza faz por vezes isto: tamanho grande, feito de alguma comida. Era de boa raça, o imperador!” (CHIZIANE, 2013, p. 9). A narradora (propositalmente, trataremos aqui o termo no feminino) faz questão de referir-se ironicamente ao corpanzil do imperador tirano e aqui não há nenhum vestígio de preconceito pelo corpo volumoso, uma vez que tal característica confere às mulheres, segundo aquela cultura, beleza e positividade, como A linguagem também pesa: “Quem é que

manda”, “Deita-se de papo para o ar” (*Idem*, grifos nossos). Esse despo-
ta, em suas ações e reflexões, associa a condição de domesticação e ser-
vilismo à condição de fêmea:

Contempla sua obra e suspira com orgulho – fui eu quem transformou tu-
do isso em vida? Coloquei luz nos olhos dessa gentalha. Quando aqui cheguei,
a terra era selvagem e era macho. Domestiquei-a. Tornei-a fêmea, é toda mi-
nha, faço o que quero. Dá-me bons frutos, cereais, gado. Dá-me sol e chuva.
Nesta terra fêmea, os homens me servem de joelhos, porque já não são ho-
mens. Sou o único macho da superfície da terra. (*Idem*)

Nesse excerto, pela fala da personagem, anuncia-se a prepotência
que advém de sua condição de homem. Por tê-la “domesticado”, tornan-
do-a “fêmea”, posse sua, ele se sente e se declara o Criador de tudo na-
quela terra; há, inclusive, uma relação intertextual com o Gênesis bíblico
– “E terra era sem forma e vazia...”. Assim se dá a expectativa de gênero:
enquanto a terra era macho, era selvagem, sem dono. A partir do momen-
to que é subjugada, ela se transforma em fêmea e, então, passa a ter de
cumprir o seu papel de geradora de benefícios ao macho, passa de sujeito
a objeto. O texto intensifica o peso do poder quando diz que nessa terra
fêmea, os homens servem ao imperador de joelhos, “porque já não são
homens”. Ao declarar-se “o único macho da terra”, ele reafirma: Deus é
macho. Macho manda, fêmea obedece. No entanto, logo se quebra essa
expectativa: “Uma andorinha canta alegrias no espaço. De pança também
cheia, baila. Liberta os intestinos e a caganita balança na cloaca. Cede à
gravidade e cai no olho do imperador”. (CHIZIANE, 2013, p. 10)

Numa terra em que os homens se ajoelham diante do imperador,
que sequer cita como as mulheres então agem diante de si (mas o silêncio
nos comunica), uma avezinha levíssima ousa defecar sobre seu olho. A
leveza do voo se afina com a linguagem (“canta alegrias no espaço”;
“caganita”). Nesse momento, “o corpo gordo se ergue como uma mola”
(*Idem*, p. 10) e, aos gritos, ele convoca seus guerreiros. Está declarada a
guerra contra as andorinhas.

No decorrer da fábula, o imperador e aqueles que lhe querem
agradar associarão à sua condição de macho o poder, e à condição de fê-
mea a servidão, a fecundação, a geração de filhos e riquezas, como um
produto, um objeto para gerar lucro.

Quando se trata de coragem e desafio, seus agentes são machos.
Quando se trata de submissão e sujeição, fêmeas. Essas expectativas se
cristalizaram socialmente e isso já torna o ponto de partida desigual. Elas
se manifestam na fala e comportamento de homens e mulheres, mas tal-

vez mesmo por não sentir na pele, quando do homem, são mais acentuadas, como se vê no seguinte trecho da obra:

Uma brisa repentina arrebatá-lhe para o outro lado da vida, num sono de magia, para que os deuses se revelem. No sonho, vê primavera e flores. Vê muito azul e muita nuvem. Descobriu que estava no céu. Os seus olhos machos procuram um encanto celeste, um marco para poder acordar. Foi então que viu uma andorinha fêmea de penas sedosas, refletindo cores de diamante. (CHIZIANE, 2013, p. 15)

Malgrado a expectativa dos “olhos machos” visualizarem características físicas na andorinha fêmea (“de penas sedosas, refletindo cores de diamantes”), que, numa perspectiva feminista poder-se-ia, de alguma forma, constituir um peso, o tópico frasal aponta à leveza da brisa que arrebatou Nguyuzá, o general do imperador, em sua pesada tarefa de caçar todas as andorinhas, “para outro lado da vida”: uma sequência de elementos leves compõe “o céu” – a andorinha fêmea. Ela, a sacerdotisa, conduzirá o macho general à compreensão do poder da leveza, para adiante, combaterem o pesado imperador.

Dentre muitos outros exemplos que poderíamos citar, salientamos também a expectativa de silêncio das mulheres. Rumo ao encontro das andorinhas para exterminá-las, os guerreiros, seguidos de suas mulheres, encontram o Rio Pungue. “Rio macho, rio bravo” (*Idem*, p. 23). Lutam contra suas ondas e conseguem atravessar. Do outro lado, “a terra era fêmea. Negra. Doce. Fresca. Convidando os homens para o repouso no seu solo”. Aqui, percebe-se a expectativa da maternidade, do acolhimento doce, do descanso ao homem, cobrado da mulher. “As crianças morrem de frio nas noites” e as mulheres, “apaixonadas pela terra”, reclamaram da partida, e “encheram a boca de murmúrios. (...) E as perguntas indisciplinadas das mulheres” (*Idem*, p. 23-24). Por que as mulheres não podiam reclamar? Por que não podiam manifestar o seu querer, a sua percepção? Porque se espera que a mulher seja comandada pela liderança masculina, sem questionamentos, sem “indisciplina”. Ao homem cabe a voz de comando, às mulheres, o silêncio. Quando há a quebra dessa expectativa – uma mulher resolve falar – revela-se a insegurança masculina e a repressão:

– Só os loucos seguem o rasto das andorinhas, meu General – diz uma das mulheres.

Louco?

Nguyuzá estremece: uma mulher o chamara louco. Não tardarão as crianças e os velhos chamarem-no louco. A anarquia em breve estará instalada no grupo em marcha.

(...)

Chamaram-me louco.

Estará este bando de mulheres a pensar que está a ser enganado ou desviado por um louco? Sente-se afrontado.

(...)

Lamentos de mulher? Os homens lançam lamentos cancerígenos nos ouvidos delas. Quem terá sido? Algum guerreiro? As mulheres incubam-nas lamentos como sêmen e as espalham aos quatro ventos. O que viria depois? Desordem. Anarquia. Fracasso. Decide, então, disciplinar o grupo. (CHIZIANE, 2013, p. 24-25)

O peso das expectativas de gênero atribui ao homem o poder; enquanto às mulheres, o não poder. Sequer a capacidade de lamentar-se por motivações próprias se esperam das mulheres numa sociedade machista. Por elas lamentarem, o chefe atribui aos homens “lamentos cancerígenos nos ouvidos delas”.

Todavia, o texto quebra mais essa expectativa quando, ao mesmo tempo em que o general desqualifica a capacidade feminina de formular opiniões a partir de suas próprias convicções, também aponta para o poder dessa voz feminina desencadear a rebelião de outras vozes – das crianças, dos velhos. Essa insatisfação e união dos oprimidos ameaçariam o poder estabelecido, o *status quo*.

No decorrer do conto, há uma alusão à ação em prol da liberdade frente à proibição da voz das andorinhas. Se as andorinhas não têm voz, voam. “A liberdade não se expressa. Vive-se” (*Idem*, p. 29). E quando, após uma trajetória de dificuldades e desafios, tal qual a Beatriz de Dante conduz Virgílio ao paraíso, a sacerdotisa conduz Nguyuz a à “terra prometida”, cheia de fartura, e à conclusão vinda da boca do próprio general: “– Se queres conhecer a liberdade, segue o rasto das andorinhas” (*Idem*, p. 32). Outrossim, invalida-se aqui a expectativa da figura do herói absoluto, do macho provedor.

Seguem-se muitas expectativas de gênero, expostas e, em seguida, combatidas. Desfaz-se o pesado poder do imperador, que, num tom bíblico, pergunta: “Nguyuz, por que me abandonaste?” E se lamenta de “os melhores homens” terem partido, “para nunca mais voltar!” (*Idem*, p. 37). O conto termina com um poema de louvor às andorinhas (mulheres).

Assim como na primeira narrativa, Paulina Chiziane toma como base a história de Gaza, atual Moçambique, quando esteve sob o reinado do ditador Frederico Gungunhana (1850-1906), também na segunda e na

terceira, remete a personagens da história moçambicana: Eduardo Chivambo Mondlane (1920-1969), um dos fundadores e primeiro presidente da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que lutou pela libertação do país do domínio colonial português e foi assassinado por uma encomenda-bomba, e Maria de Lurdes Mutola (1972-), uma atleta moçambicana, campeã mundial de atletismo.

O segundo conto, “Maundlane, O Criador”, já começa com “As histórias da avó começam da mesma maneira/ Que é sempre a melhor maneira de começar/ Karingana wa karingana” (CHIZIANE, 2013, p. 45): é a leveza do “Era uma vez...” para contar na ficção a história de um grande líder. “O herói” moçambicano “que voa pelo espaço”, como no ideal de Ítalo Calvino. O peso da história forte de um homem que luta pela libertação de seu país e morre, assassinado de forma trágica. Mas é preciso contrapor o peso da realidade com a leveza do voo, do sonho. E a narrativa se dá pela voz da avó, que, logo de início, pondera: “Para ser herói na vida, é preciso ser herói no sonho”. (*Idem*, p. 47)

A trajetória do herói, o “Chivambo”, Maundlane, criado e educado por duas mulheres – mãe e avó, ambienta-se num lugar onde as expectativas de gênero retumbam. Homens que saem para trabalhar em usinas de carvão na África do Sul, deixando por conta das mulheres a educação das crianças. E o menino sonha, dentro dessa realidade do seu mundo: “Eu quero ser mineiro, para trazer muito dinheiro e poder casar com duas mulheres de uma só vez” As mulheres, vistas como posse, são atraídas pelo dinheiro. Esse modo de considerar a conquista do amor da mulher, associando a ela a imagem de interesseira, também gera a consequência de mais poder ao homem quando a “adquire”, submetendo-a posteriormente ao papel de promover o bem-estar masculino: “Eu quero guiar um caminhão e vender carvão e depois casar com uma mulher gorda que cozinha bem” (*Idem*, p. 50). Às crianças são ensinadas tais referências sociais, que formam o seu modo de pensar, ordinariamente beneficiando os homens, que se tornarão heróis, mas, antes de tudo, gerados pelas mulheres. A mãe de Chivambo reclama: “Os homens, na África do Sul, comem, bebem, casam-se, enquanto nós, as mulheres que os pusemos no mundo, vergamos debaixo da carga, somos desprezadas”. (CHIZIANE, 2013, p. 52)

Atento às lágrimas da mãe, Maundlane aprende: “Nos rostos destas mulheres, ele descobriu sua impotência” (*Idem*, p. 52). Após crescer, ir para a escola, e, com todo o apoio da mãe e da avó, ir para a América e vencer profissionalmente, resolve deixar a carreira e o futuro promissor

em outras terras, para voltar à sua – Moçambique – que está sendo “violada”, como se fosse sua mãe a ser violada (*Idem*, p. 64), uma vez que há também a expectativa de gênero do “homem da casa”, da “bravura” do macho, que precisa erguer de novo o clã. Quando volta e se torna o primeiro na frente de batalha pela libertação de sua terra (“terra mãe”), em meio a esse curso é assassinado e a narrativa traz a leveza do etéreo, fazendo a personagem reencontrar a avó no céu.

Dentre muitos excertos que poderíamos destacar, ressaltamos os que exaltam a visão do herói que “voa”, mas que, ao crescer, opta por atender a expectativa de ser homem bravo e herói, amplia seus horizontes e faz questão de sucessivas vezes declarar que se não fosse educado pelas duas mulheres – mãe e avó, não seria quem foi. E nesse reconhecimento que suprime a expectativa de incapacidade feminina, a avó (detentora da sabedoria na vida e depois da morte), fala ao neto: “Mostraste ao mundo que duas mulheres, uma viúva e uma avó velha, podem educar um órfão com valores altíssimos, mesmo vivendo na extrema pobreza”. (CHIZIANE, 2013, p. 79)

Por fim, a existência do herói deveu-se a elas. Nem a extrema pobreza de duas mulheres numa sociedade patriarcal, que a elas só destinam o não poder, impediu-as de gerar o herói da terra. E é ele quem, de certa forma, amaldiçoa essa expectativa injusta:

Minha avó. Minha mãe – diz Chivambo – duas pedras basilares no edifício da vida. O que seria de mim sem a vossa existência? Venci, alicerçado no poder das vossas almas. São vossas todas as vitórias deste mundo. É vossa toda a grandeza que brilhará nas cores da bandeira. Amaldiçoado seja quem louvar os meus atos sem invocar os vossos feitos. (CHIZIANE, 2013, p. 86)

O terceiro conto também se inicia com a leveza do “Era uma vez...” (*Idem*, p. 89). Dessa vez, anuncia-se que esta história era a preferida do Chivambo, que muitas vezes a contou “de armas nos ombros, na marcha da libertação” (*Idem*, p. 89): a história da águia, criada como galinha, que um dia abre as asas e, como as andorinhas, levanta voo. Esta, a narrativa mais curta da obra, é a que de forma mais direta expõe as expectativas de gênero, por trazer como protagonista (da vida real) uma mulher.

Maria Mutola, quando ainda a adolescente Lurdes, contrariando todas as expectativas de gênero, deseja ser jogadora de futebol. As iguais a repreendem e, na resposta de Lurdes, a resistência a seguir o que a sociedade espera dela:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

– És completamente maluca, Lurdes – diziam as amigas lá do bairro – tu não és mulher!

– Por quê? O que significa ser mulher? – questionava incrédula.

– Ah! Mas que pergunta! – diziam com ar de gozo. Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?

– Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo em entrançar cabelos de boneca – respondia zangada.

– Devias sim, preocupar-se com coisas de mulher. Por exemplo: ser mais sensual. Fazer enxoval. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos. Não é para isso que servem as mulheres?

– Farei isso, um dia. (*Idem*, p. 90)

No momento em que Lurdes manifesta seu sonho de jogar futebol, imediatamente as expectativas se rebelam, com riqueza de detalhes. Inclusive com a definição clara para que “as mulheres servem”. A menina se manifesta de modo a entender que seu sonho não consiste nesse modelo ditado pela mídia, pela sociedade conservadora. Ela deseja ser o que quiser. Um dia, poderá ser o que elas lhe dizem. Mas não agora. Só quando for a sua vontade.

Quando Lurdes consegue entrar num clube de futebol feminino, desconcerta toda a gente. Um total embaraço, para uma sociedade acostumada a ver esse esporte como um “santuário masculino”. No dia da partida, é Lurdes quem marca os gols da vitória. Tudo se complica então: Como comemorar com “abraços efusivos” e “carregadas nas costas”, se “o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem”? (CHIZIANE, 2013, p. 92)

Desequilibram-se conceitos machistas cristalizados e os comentaristas se embaraçam. “Para remediar a situação, o locutor da rádio diz muitas asneiras” Como todos estranham, a melhor jogadora é afastada da equipe. Numa sociedade desigual e opressiva, infelizmente até oprimidos unem-se a opressores: “As mulheres celebraram o afastamento” (*Idem*, p. 93). Mas Lurdes, a essa altura, já abria as asas e levantava voo. “Depois de deixar o futebol, ela abraçou outra arte. Tornou-se atleta. No mundo das corridas, chamaram-lhe apenas Maria Mutola” (*Idem*, p. 94). Ela voou sobre todos os obstáculos que cercavam seus passos. As expectativas de gênero, afinal, são obstáculos.

Por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio:

– Obrigado, Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane, e te lançaste no voo da águia. (*Idem*, p. 95)

Nos dizeres de Salette Rosa Pezzi dos Santos (2012), “a construção das representações do sujeito feminino por mulheres escritoras torna-se cada vez mais relevante” (p. 185), pelo fato de reverter as distorções impostas pelo sistema patriarcal. Nas três narrativas é possível sentir a oposição leveza-peso, que se revela sobretudo nas relações de poder (e não poder). Na afirmação do ideal, a escrita feita por mãos femininas inclina-se em favor da leveza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CHIZIANE, Paulina. *As andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. São Paulo: Reviravolta, 2016.

SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. A Escrita feminina e a representação de diferenças sociais. In: MENDES, Algemira de Macêdo; ARAÚJO, Jurema da Silva. (Orgs.). *Diálogos de gênero e representações literárias*. Teresina: Edufpiu, 2012.